

CORPOS-COM-OUTROS-CORPOS-EM-SI¹

Will Paranhos²

RESUMO

Ao invés de indagarmos “como os corpos têm estado ausentes/presentes nas nossas ações pedagógicas e nas nossas pesquisas?”, penso que seja crucial nos abirmos aos questionamentos: “quais corpos têm estado ausentes/presentes nas nossas ações pedagógicas e nas nossas pesquisas?”, “de que maneiras constituímos nossas ações pedagógicas e nossas pesquisas considerando a multiplicidade de corpos existentes?” e, talvez preliminarmente a tudo isto, “como constitui-se um corpo?”. Foi Baruch Espinosa que buscou pensar acerca das possibilidades do corpo, na tentativa de compreender o que pode um corpo. No entanto, creio que a pergunta deva ser anterior, criando difrações que nos levem a pensar nas maneiras como uma corporalidade pode constituir-se. Sim, e o uso de “maneiras” não é mero acaso, mas a tentativa de demarcar, com o uso do plural, uma abertura que foge do colonialismo ocidental metafísico. Ao invés de corpo, somos corpos, somos corpos-com, corpos que não constituem-se de maneira isolada, mas em constante intra-ação e confluência. Corpos protéticos. Corpos-com-outros-corpos não-humanos, mais-que-humanos e outros-que-humanos. Corpos não dissidentes, mas corpos em [constante] dissidência, que negam qualquer tentativa de fixação, mesmo que esta possa ser considerada já como dissidente (corpos *gay*, corpos trans, corpos defieças...). Corpos-com que não são simples efeito discursivo, mas a representação de um *phenomenon* que constitui-se na intra-atividade relacional que emaranha componentes materiais, discursivos, políticos, culturais, humanos, não-humanos, tecnológicos e tantos outros quantos estiverem enredados. “Torcer” tais perspectivas faz-se necessário, sobretudo em uma época onde a lógica dicotômica ocidental menteXcorpo míngua, ao percebermos que tal cisão consiste na tentativa de estancar nossas pulsões, tanto na singularidade quanto no coletivo. O que queremos - e devemos - é vazar por entre as fissuras que abrem-se na relação cambiante com a normatividade. Deste modo, torna-se possível pensarmos em possibilidades de intervenção ético-ontopistemológica e política sobre as intra-ações por meio das quais nossos corpos materializam-se, maximizando as potências que nos são constitutivas, como também percebermos os movimentos dos agenciamentos externos e, com isso, criarmos rotas de fuga para escaparmos das tentativas de captura que sobre nós são, maquinicamente, lançadas. É um exercício de desconstrução que faz cair por terra toda a lógica ocidental e binarista com a qual estamos acostumades, levando-nos a um constante repensar dos saberes, dos conhecimentos e das práticas, culminando em uma abertura constante à alteridade e

¹ O presente resumo faz uso de linguagem neutra e sem gênero.

² Doutorande em Educação - Proped/UERJ. Pesquisadore no Giros Curriculares: currículo, cultura e diferença. Bolsista CAPES.



ao movimento espiralar da diferença enquanto diferença, elevando-nos, talvez, a um outro patamar de entendimento, que já não mais comportará pensarmos em corpos que estão na escola, em corpos que ocupam a escola, mas sim em corpos-com-a-escola, corpos-com-a-educação, corpos-com-outros-corpos-em-si, numa trama interminável de relações e afetos.

Palavras-chave: Currículo. Corpos-com. Corporalidades em dissidência. Neo-materialismo.